

Pernambuco

O campo como um lugar de convivência, resistência, ajuntamento de forças e partilha de riquezas.

O Sítio Velho fica a uma distância de 7 km da sede do município de Santa Cruz da Baixa Verde, no sertão pernambucano, onde o jovem casal de agricultores, Graciene Alves de Lima, 36 anos e Roberto Alves de Lima, 41 anos, vivem com seus filhos, Manuela, 16 anos; Bruna, 14 anos; e o filho caçula, Manuel Lucas, de 09 anos de idade. A família desenvolve uma agricultura familiar de base agroecológica através dos sistemas agroflorestais.

“Após o casamento em 2000, continuamos na comunidade, e tivemos a oportunidade de conhecer a Associação de Desenvolvimento Rural Sustentável da Serra da Baixa Verde - ADESSU, que desenvolve até hoje um trabalho com a agricultura familiar de forma diferente da convencional, com diversificação da produção, práticas agroecológicas e desenvolvimento sustentável”, diz Roberto.

O casal afirma que no início houve certa resistência da parte deles. “Ficamos muito receosos com a proposta apresentada pela ADESSU”. Mas com a implantação das técnicas agroecológicas e com a obtenção dos primeiros resultados, tomaram gosto pela nova forma de lidar com a terra, e então se associaram. Roberto, logo em seguida, e Graciene, apenas em 2015.

“Foi um período marcado por muito aprendizado, onde conseguimos nos desenvolver tanto na agricultura propriamente dita, quanto na questão da consciência ambiental. Passamos a entender melhor a ideia e importância do modelo proposto por meio da agroecologia. Conscientes sobre nosso papel dentro da família, na nossa comunidade e na sociedade em geral. O novo jeito de ver a agricultura se tornou não somente um meio de obtenção de melhorias na produção familiar, mas um modelo de vida a ser seguido”, diz Roberto.

A propriedade do casal, obtida através de herança familiar, compreende uma extensão de 03 hectares de terra, onde Roberto e Graciene desenvolvem áreas de agroflorestas, com o cultivo de produtos tradicionais da agricultura familiar, como o milho e o feijão, além da fava, andú, macaxeira, jerimum, cana-de-açúcar, café, inhame e palma para alimentação dos animais. As espécies frutíferas cultivadas são: acerola, banana, manga, limão, laranja, goiaba, seriguela, cajá, caju e abacate. Soma-se também o cultivo de hortaliças e legumes, tais como, alface, pepino, tomate cereja, coentro, cebolinha, pimentinha, pimenta, cenoura, beterraba, abobrinha, entre outros. A criação de animais, hoje, compreende galinhas e ovelhas.



Aquilo que é produzido pelo casal é destinado primeiramente para o consumo familiar. Por algum tempo comercializaram seus produtos na Feira Agroecológica de Triunfo, mas com o fim da mesma, esse comércio foi encerrado. Outra saída para seus produtos é a venda na própria comunidade onde vivem, no tradicional porta-a-porta.

Em 2012, por meio da ADESSU, surgiu a oportunidade de venda de parte da produção para a Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar Orgânica Agroecológica – COOPCAFA, vinculada à instituição, e que tem o objetivo de realizar o beneficiamento e comercialização das frutas/polpas e cana-de-açúcar dos agricultores e agricultoras cooperados.

É mais um destino para a produção do casal, constituindo como fonte de renda familiar. Essa também é incrementada através de benefícios do governo federal, como o Bolsa Escola, das atividades desenvolvidas por Roberto, como técnico em Agropecuária, e em determinados momentos pela produção de bolos, feitos por Graciene, vendidos por encomenda.

Com a chegada das cisternas, o cenário tomou outra forma. A cisterna de primeira água foi adquirida através do Fundo Rotativo Solidário da ADESSU Baixa Verde, que proporcionava aos agricultores e agricultoras cisternas de placa, banco de sementes crioulas, mudas de palma e outras espécies e estacas vivas. Já a cisterna-calçadão foi construída em 2013, por meio do Programa Pernambuco Mais Produtivo.

“As cisternas fortaleceram muito nossas atividades. Podemos utilizar a água nos canteiros e plantações que cultivamos, para dar de beber aos animais, e nas atividades domésticas. A água de consumo próprio vem da cisterna de primeira água. Não tem dinheiro que pague uma cisterna dessas”, afirma Roberto, satisfeito.

“A minha dedicação na agricultura não é integral durante o ano, pelo fato de que me envolvo em outras atividades/ocupações fora da propriedade. Se nos dedicássemos totalmente ao roçado, com certeza compraríamos poucas mercadorias, e consumiríamos mais ainda através da agricultura familiar”, diz Roberto.

As atividades na propriedade são divididas entre o casal. Quando Roberto se encontra nas ocupações, que não é a agricultura, Graciene fica responsável por conduzir as atividades com os animais e com os cultivos, dividindo-se entre as tarefas de casa, da propriedade, e ainda se fazendo presente nas reuniões e encontros da associação de moradores da comunidade. As crianças também contribuem em algumas tarefas quando não estão na escola, realizando atividades domésticas e nos canteiros, como a irrigação dos mesmos.

“Nós nascemos e nos criamos aqui, e vamos permanecer aqui. Vamos procurar meios de sobreviver e resistir no nosso lugar. Graças a Deus e aos meios proporcionados pelas tecnologias de convivência com o Semiárido. Não é preciso sair em busca de trabalho em outras regiões. Nossas oportunidades se encontram aqui”, diz Graciene.

Para Graciene e Roberto, o desafio em permanecer no campo diz respeito aos períodos de estiagem. Mas possuem a alegria de viver e conviver no campo, plantando e colhendo os frutos do próprio trabalho que aprenderam a conquistar juntos, como casal, como família. O campo é um lugar de convivência, resistência, ajuntamento de força e partilha da riqueza que é a agricultura familiar.

